

ACM pede apoio de FH na briga pelo Senado

JAILTON DE CARVALHO E
CARMEN KOZAK *
Agência JB

PALMAS — O senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) cobrou ontem do presidente Fernando Henrique apoio à sua candidatura à presidência do Senado. “Ele pode ter uma preferência, que infelizmente não sei qual é, mas eu ficaria muito feliz se a sua preferência fosse eu”, afirmou o senador. Antônio Carlos participou, ao lado do próprio Fernando Henrique, da inauguração de um trecho da Rodovia da Integração, que vai de Palmas, em Tocantins, até Novo Jardim, na Bahia.

O senador disse que, ao contrário de seu adversário Íris Resende (PMDB-GO), apoiou a candidatura de Fernando Henrique à presidência, em 1994. Agora, seria a vez de o presidente retribuir. “O presidente sabe que, na eleição presidencial, eu fiquei com ele. Não sei se o outro candidato ficou”, ironizou.

Antônio Carlos Magalhães procurou tranquilizar Fernando Henrique sobre possíveis divergências futuras entre ele e o governo, pois sabe que é considerado um político de personalidade forte. “O presidente sabe que eu sou uma pessoa que vou

dar altura ao Senado e sabe que não vou atrapalhar seu governo...”, afirmou.

Pouco tempo antes desta cobrança, Fernando Henrique evitara manifestar-se sobre a questão. Perguntado se a presença de Antônio Carlos na inauguração de uma obra rodoviária era um sinal de sua preferência por ele para a presidência do Senado, o presidente se esquivou. Disse que, além do senador do PFL, outros senadores baianos também haviam sido convidados, já que a rodovia liga Tocantins à Bahia. “Mas só ele pôde vir”, explicou.

Ao chegar a Rosário, no interior do Maranhão, o presidente voltou a tocar no assunto. “Espero um entendimento”, disse, referindo-se à disputa entre Antônio Carlos e Íris Resende. Fernando Henrique, que estava acompanhado do presidente do Senado, José Sarney, afirmou que iria se “aconselhar” com o ex-presidente, em busca de um consenso para a questão. Mas Sarney recusou-se a falar sobre o assunto.

O senador Antônio Carlos, que não acompanhou a entrevista do presidente, exigiu ainda do PMDB o cumprimento do acordo de alternar a presidência da Câmara e do Senado com o PFL. Pelo



ACM lembrou seu apoio a FH

Arquivo — 5/9/95

que ficara acertado há dois anos, caberia ao PFL, que está no comando da Câmara, presidir agora o Senado. Da mesma forma, o PMDB, que preside o Senado, passaria a comandar a Câmara.

Mas, “quando as pessoas não cumprem a palavra de um lado, há o risco de a palavra não ser cumprida do outro”, avisou o pefelista. Por isso, segundo ele, ainda não está “cem por cento descartada” a candidatura do deputado Inocêncio Oliveira (PFL-PE) à presidência da Câmara. Depois de participar da inauguração da Rodovia da Integração, o senador retornou a Salvador num jato particular.

Em Brasília, os dirigentes do PFL também cobraram o apoio do governo a Antônio Carlos, em suas conversas com Luís Carlos Santos. “E não tem esse negócio de tentar encontrar outro candidato. Estamos fechados com Antônio Carlos”, avisou o líder do partido na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE). A advertência foi dirigida ao PSDB, que tenta articular outra candidatura pefelista, para convencer o PMDB a desistir de seu candidato. Os tucanos têm uma pre-

ferência: o atual líder do governo no Senado, Elcio Alvarez.

Se o Palácio do Planalto não conseguir resolver o impasse entre PMDB e PFL, os pefelistas prometem revidar. Estão dispostos a tirar o apoio da candidatura de Michel Temer (PMDB-SP) à sucessão de Luís Eduardo Magalhães. Temer sabe disso e se dispôs, na quinta-feira, a ajudar a resolver o impasse no Senado. “O PMDB vai ter sensibilidade política e saberá resolver o problema”, disse Temer a Inocêncio. A resposta apaziguadora veio rápido porque Inocêncio já fizera uma ameaça às pretensões do líder do PMDB: “Ou o PMDB se conscientiza ou fico deitado em casa e me elejo presidente da Câmara.”

O presidente do PFL, deputado José Jorge (PE), afirmou que, ao protestar contra a candidatura de Íris Resende, o partido está tentando preservar a base de sustentação política do governo no Congresso. “É natural que os dois maiores partidos da base dividam o comando do Congresso. O que não pode é ficarmos de braços cruzados, vendo o PMDB tentar abocanhar as duas presidências.”

* Colaborou Ilmar Franco, de Rosário (MA)